

A LEITURA E A TEORIA DAS INTELIGÊNCIAS MÚLTIPLAS: UM ENCONTRO POSSÍVEL EM SALA DE AULA

Sheila Praxedes Pereira Campos

Licenciada em Letras e Professora de Literatura na Universidade Estadual de Roraima.
sheilapraxedes@ig.com.br

Maria Georgina dos Santos Pinho e Silva

Licenciada em Letras e Professora de Literatura na Universidade Estadual de Roraima.
georginapinho@hotmail.com

RESUMO

Este trabalho relata a pesquisa feita a partir da implantação de um Projeto Literário em uma turma de 7ª série de uma escola pública, em Boa Vista, Roraima, onde se constatou a “crise de leitura” pela qual a sociedade de um modo geral está passando, ocasionada tanto pela falta de incentivo da família quanto pelas tradicionais atividades exigidas pelo professor ao se trabalhar um texto. Para atestar as concepções apresentadas, o projeto tinha como objetivo central despertar o prazer de ler por meio das diversas inteligências, propondo atividades integradas ao processo ensinoaprendizagem ao trabalhar as várias “leituras” dos alunos surgidas com o conto “O Príncipe Feliz”, de Oscar Wilde, através de linguagens distintas. Os dados obtidos mostraram mudanças significativas em torno das atividades de leitura, além da necessidade de transformação nas avaliações pedagógicas.

PALAVRAS-CHAVE:

Leitura. Inteligências.Múltiplas.Aprendizagem.Significativa.

ABSTRACT

This paper reports a survey made from the implantation of a Literary Project in a class of the 7th grade in a public school located in Boa Vista, Roraima, where it was found a "reading crisis" generally explained due to the lack of encouragement by the families or the traditional activities required by the teachers while using texts. In order to demonstrate the concepts presented, the project had as principal objective arouse the pleasure of reading through multiple intelligences. There were proposed activities integrated into the teaching-learning process while working different "readings" of each student arised with the short story the Happy Prince by Oscar wilde using defferent languages. The data showed significant changes around the activities of reading, as well as the need for change in the pedagogical evaluations.

KEYWORDS:

Reading. Multiple.Intelligences. Meaningfu.Learning.

INTRODUÇÃO

Embora as escolas declarem que preparam seus alunos para a vida, geralmente valorizam apenas os raciocínios verbais e lógicos, ocasionando carência de atividades de leitura voltadas em si, com características lúdicas e informativas, e que permitam ao aluno a livre interpretação, sem obrigação de ter que “prestar contas” de sua leitura de forma que ele, muitas vezes, não domina, como uma exposição oral ou um teste escrito. Assim, os alunos de hoje vêm-se se mostrando cada vez mais indiferentes em relação ao livro, e, quando leem, são apenas as “leituras obrigatórias” exigidas pelos professores, e isso ocasiona um enorme desagrado em relação à leitura.

Além disso, carências na área da educação, falhas na alfabetização escolar, mudanças nos hábitos da vida familiar atual (inserção da mulher no mercado de trabalho, a luta dos pais pela sobrevivência ou pelo acesso aos bens materiais e outros), a influência dos meios de comunicação, o despreparo de alguns educadores, o uso escasso de leitura de textos em sala de aula ou então seu uso para exercícios padronizados que não permitem a liberdade de interpretação, entre outros: eis alguns dos fatores que cada vez mais têm prejudicado a prática da leitura no cotidiano das crianças, adolescentes e jovens.

Por outro lado, utilizando a leitura quase exclusivamente para atividades que não condizem com as expectativas do leitor, até os próprios educadores parecem duvidar da natureza multifacetada da leitura, que permite sua integração com as diversas ciências da linguagem e da comunicação. Então, torna-se imprescindível descobrir meios de ativação da leitura em que a prática da subjetividade e da capacidade criadora seja exercitada, apresentando a leitura como uma atividade dotada de características interdisciplinares e cooperativas, voltada para as necessidades e interesses dos alunos, como aconteceu durante a implantação de um Projeto Literário em uma turma de 7^a série de uma escola pública, em Boa Vista, Roraima.

Howard Gardner, pesquisador americano e idealizador da Teoria das Inteligências Múltiplas (1985), considera que o maior desafio da educação, hoje, é: “conhecer cada criança como ela realmente é, saber o que é capaz de fazer e centrar a educação nas capacidades, forças e interesses dessa criança” (1985b, p. 23). Ele sugere ainda que as manifestações da inteligência são múltiplas e compõem um conjunto de competências e toda criança tem potencial para desenvolver-se intensamente em uma ou várias áreas, desde que se trabalhe com suas emoções, palavras e gestos, ou seja, com o corpo inteiro, a fim de que consiga motivar-se, pois só assim ficará entusiasmada e realizada com o que faz.

Contudo, o mais importante é analisar o indivíduo através do espectro de suas inteligências, por mais que uma sobressaia mais do que as outras, apesar de ser interessante observar a natureza de cada uma em particular, determinante na identificação do perfil do aluno. Além disso, vale destacar aqui que a escola é o lugar ideal onde o encontro entre a leitura e as inteligências múltiplas pode acontecer pela primeira vez, depende do professor querer orientar seus alunos “para a aprendizagem pelo que diverte suas mentes” (PLATÃO).

Para que o contato entre a leitura e as inteligências múltiplas resulte em formação de leitores, cabe ao professor utilizar-se de meios de ativação da leitura, introduzindo o livro em sala de aula aliado a um amplo planejamento das atividades. Planejamento este que apresente características interdisciplinares e cooperativas, voltado para as necessidades e interesses dos alunos e que tenha seus objetivos claramente definidos, entre eles o estímulo às Inteligências Múltiplas.

Assim, que melhor maneira do que trabalhar a leitura em concomitância com as Inteligências Múltiplas? Aliadas, elas ajudam na construção de um aprendizado concreto e permanente, principalmente se erguido com

intertextualidade e interdisciplinaridade, palavras indissociáveis de atividades que visem ao desenvolvimento da leitura e ao aprimoramento das inteligências.

DESENVOLVIMENTO

1. A LEITURA E A ESCOLA: O PRIMEIRO ENCONTRO

A importância da leitura como uma atividade fundamental na formação do indivíduo não é desconhecida de ninguém, tendo em vista que o encontro com a leitura proporciona ao homem a oportunidade de ampliar, transformar ou enriquecer sua própria experiência de vida. Entretanto, o hábito de ler ou contar histórias às crianças é uma prática que cada vez mais vem sendo descartada do cotidiano da família atual, então, a promoção da leitura, assim como a descoberta do prazer de ler vai depender quase exclusivamente da qualidade do trabalho desenvolvido pelo professor, tornando a escola, efetivamente, o único local onde as crianças têm contato com livros e situações de leitura.

Conforme Bettelheim e Zelan (1984, p. 17), “a aprendizagem da leitura deve dar à criança o sentimento de que através dela um mundo novo se lhe abrirá perante a sua mente e sua imaginação”, o que coloca a leitura como um dos meios mais eficazes do desenvolvimento sistemático da linguagem e da personalidade, dado o fato de que a criança, ao fazer-se leitora, além de compreender o que está à sua volta com mais entendimento, pode aumentar sua visão do mundo como um todo.

Sob este ângulo, entende-se que o ato de ler abrange diversos estágios de desenvolvimento, realizando-se com eficácia se todos eles forem bem estimulados, pois, segundo Bamberg (1986, p. 40), as dificuldades que existem quanto às habilidades do leitor podem advir do fato de que “muitas crianças não leem porque não sabem ler direito”, e aí pode residir uma das causas da desistência da criança em relação à leitura: o esforço mental e intelectual que ela requer.

Outra causa dessa indiferença pode ser a ausência de motivação ou interesse, cabendo aqui, mais uma vez, a participação da família e da escola na busca de incentivos para a leitura. Conceituando motivação como “impulsos e intenções logicamente determinados que orientam o comportamento, ao passo que as atitudes e experiência emocionais são os fatores determinantes dos interesses” (1986, p. 47), Bamberg pressupõe a participação dos elementos afetivos na relação livro-leitor, integrando o intelecto à afetividade.

Em relação à leitura, Lajolo (*apud* ZILBERMAN, 1982, p. 45) afirma que “se a relação do professor com o texto não tiver um significado, se ele não for um bom leitor, são grandes as chances de que ele seja um mau professor”. Pode até ser um pouco exagerado afirmar que o mau leitor resultará no mau professor, mas é certo que da mesma forma que o texto não apresente significado para ele, isso pode implicar no relacionamento aluno/texto, mesmo que aparentemente não se perceba. Então, é imprescindível que o professor goste de ler e que pratique a leitura.

Isso porque muito já foi dito acerca da necessidade de o professor propiciar situações de leitura em que o aluno seja levado a ler pelo simples prazer de ler, sem precisar “prestar contas” de sua leitura ao criar formas de controle que faça da leitura um “martírio”. Todavia, o educador deve ter o cuidado de não abrir mão totalmente de um acompanhamento, criando, ao lado das atividades livres de leitura, situações e métodos que desenvolvam no aluno práticas de leitura que propiciem o hábito de reflexão e crítica sobre a realidade que o livro lhe apresenta e a interpretação dessa realidade expressa pelo autor.

De qualquer forma, a leitura, apesar da enorme gama de conhecimentos que desencadeia, é apenas uma estratégia de “rota secundária” (tentativa de alcançar a rota principal explorando uma inteligência em favor de outra). Vai depender da inventividade do professor a criação de métodos diversificados que levem o aluno a se encontrar e expor sua interpretação de mundo da maneira que mais lhe convir, utilizando a leitura como uma das estratégias para o ensino, cujo planejamento precisa ser pensado para incluir outras competências sem perder de vista o objetivo da leitura em si, além de procurar evitar a incorporação de alguma inteligência só por esse motivo, com o risco de tornar a atividade artificial.

2. AS INTELIGÊNCIAS MÚLTIPLAS E A ESCOLA: O SEGUNDO ENCONTRO

Uma escola centralizada no aluno deve lembrar constantemente que as pessoas têm diferentes interesses e diferentes habilidades, e que, por isso, uma criança dificilmente irá aprender só aquilo que a escola quer, mas nem por isso ela não aprenderá outra coisa ou não se desenvolverá bem em outra área. Desse modo, para Smole (1996, p. 24), a aprendizagem deve desenvolver-se em um processo de negociação de significados:

Para que uma aprendizagem ocorra, ela deve ser significativa, o que exige que seja vista como a compreensão de significados, relacionando-se às experiências anteriores e vivências pessoais dos alunos, permitindo a formulação de problemas de algum modo desafiantes que incentivem o aprender mais, o estabelecimento de diferentes tipos de relações entre fatos, objetos, acontecimentos, noções e conceitos, desencadeando modificações de comportamentos e contribuindo para a utilização do que é aprendido em diferentes situações.

Gardner (1985b, p. 2) acredita que “o propósito da escola deveria ser o de desenvolver as inteligências e ajudar as pessoas a atingir objetivos de ocupação e diversão adequadas ao seu espectro particular de inteligências”. E a proposta de Smole (1996) é de oferecer aos alunos condições para que possam usar suas habilidades específicas a fim de desenvolver outras habilidades, pois ao diversificar as atividades integrando as inteligências, o estudante tem a oportunidade de “olhar várias vezes a mesma ideia”, lembra a autora.

Além disso, “os alunos devem ter oportunidades para a exploração criativa de seus interesses e talentos individuais, enquanto também aprendem habilidades e conceitos valiosos através de meios multimodais” (CAMPBELL; CAMPBELL; DICKINSON, 2000, p. 25), visando sempre à libertação do potencial de aprendizagem e a expressão criativa de cada aluno, cujas inteligências individuais sejam estimuladas a vir à tona de forma natural e espontânea.

Assim, adotando como referencial a nova concepção da mente, a Teoria das Inteligências Múltiplas (GARDNER, 1985a), a escola, na pessoa de seus educadores, deve ter como função o desenvolvimento das mesmas ao ajudar os alunos a atingirem seus objetivos por meio do exercício de suas competências e habilidades, propiciando o desenvolvimento coeso de suas inteligências e o uso de seus distintos potenciais, com vistas à aprendizagem deles.

De igual maneira, alimentando inteligências, a escola estará também atuando habilmente, comprovando isso ao não ignorar as diferenças entre os alunos e procurando descobrir e estimular as combinações de inteligências das quais cada aluno é portador. E isso, no entender de Smole (1996), é o que torna esta teoria “muito rica” para a educação, tendo em vista que ela “proporciona uma visão mais completa do aluno, valorizando as diferenças individuais”. Aqui, acrescenta-se ainda a opinião de Antunes (2001, p. 13), para quem:

Essa tendência estimuladora da escola pode mais ser vista como um novo paradigma de compreensão do ser humano que abandona sua avaliação

através de sistemas limitados e o percebe com acentuada amplitude linguística, lógico-matemática, criativa, sonora, cinestésica, naturalista e, principalmente, emocional.

É extremamente importante que se tire o máximo proveito das habilidades individuais do aluno, auxiliando-o a desenvolver suas capacidades intelectuais, e, para tanto, ao invés de usar a avaliação apenas para classificar, aprovar ou reprovar, usá-la para informar o aluno sobre sua capacidade, além de informar o professor sobre o quanto está sendo aprendido. Nesse caso, ao invés de ser produto do processo educativo, a avaliação passa a ser parte do processo.

Enfim, deve-se levar em conta que em se tratando da Teoria das Inteligências Múltiplas, o desafio maior não é sua aplicação na prática, mas, com certeza, a etapa de todo este processo que antecede a esta aplicação na prática: conhecer cada aluno individualmente e reconhecer suas potencialidades – aí sim, o professor estará preparado para centrar o processo educativo nas capacidades, interesses e necessidades de cada aluno em particular.

Por outro lado, a inclusão das Inteligências Múltiplas no currículo escolar não é tão simples quanto parece, pois isso requer do professor um conhecimento amplo da teoria e que ele tenha como única intenção melhorar a aprendizagem dos alunos, esforçando-se, também, para desenvolver as próprias inteligências individuais.

3. A LEITURA E AS INTELIGÊNCIAS MÚLTIPLAS: UM ENCONTRO POSSÍVEL

Como educadores, nossa preocupação é sempre nos atualizarmos na busca de métodos apropriados ao papel que exercemos em nossas escolas, na ânsia de suplantar as dificuldades da profissão e de confiar mais no potencial criativo existente em cada um dos nossos alunos. Isso porque acreditamos que podemos desvendar em suas mentes graças capazes de acordar o domínio de capacidades de investigação que os levem não somente a *ter*, mas também a *ser* e a envolverem-se mais com a escola da qual fazem parte.

Para tanto, será preciso proporcionar-lhes atividades particulares e treiná-los por meios de métodos adequados que os coloquem em contato com os problemas diários mais decisivos da família e da comunidade a que pertencem e com os fatos vivenciados que lhes despertam a curiosidade. É nosso papel

convencê-los de que são inteligentes e de que suas inteligências não são estáticas, podendo ser aperfeiçoadas a cada dia com a busca do conhecimento pela técnica do “aprendendo a fazer e a pescar”.

E, muito mais importante, será uma escola que promoverá a obtenção do conhecimento baseado no que os alunos já sabem – seus conhecimentos prévios; naquilo que o professor julga que eles necessitam aprender; e nos procedimentos de como precisam aprender. Esse modo de trabalho torna o ensino mais eficaz pela ampliação de novas maneiras por parte dos alunos e pelo uso de outras táticas por parte do professor, “um profissional que assume sua crença no poder de transformação das inteligências” (ANTUNES, 2002, p. 12).

Considerando que o verdadeiro sentido de “aprender” é adquirir conhecimentos, desenvolver habilidades, mudar comportamentos, descobrir o sentido das coisas e dos fatos, não resta dúvida de que aprender relaciona-se à função de ensinar. Entretanto, a verdadeira aprendizagem só se realiza plenamente quando é significativa, quer dizer, quando o aluno capta o que as coisas significam para ele e envolve-se plenamente na aprendizagem, interagindo com professores e colegas. Depreende-se dessa conceituação do aprender que as atividades pedagógicas devem ter como foco o aluno e suas capacidades, tornando-o agente e participante ativo de sua aprendizagem.

Além disso, múltiplas habilidades para expressar o conhecimento exigem um amplo espectro de múltiplos recursos de avaliação, que deve ocorrer dentro do próprio processo de trabalho dos alunos, diariamente, em sala de aula, no momento das discussões coletivas, da realização de tarefas em grupos ou individuais. São nesses instantes que o professor pode perceber se os alunos estão ou não se aproximando dos conceitos e aptidões considerados importantes, encontrando as dificuldades e ajudando para que elas sejam suplantadas por meio das interferências, questionamentos, além de complementar dados e buscar novos caminhos que induzam o aluno a aprender.

4. MATERIAIS E MÉTODOS

Partindo do método teórico, indispensável para o embasamento que era preciso, esta pesquisa fez uso, predominantemente, do método empírico exploratório, necessário para a comprovação exata daquilo que era pretendido em nossas hipóteses: a contribuição da Teoria das Inteligências Múltiplas para o

desenvolvimento da Leitura. Dessa forma, a amostra utilizada foi qualitativa, considerando que seu caráter exploratório atinge muito mais o objetivo, estimulando o aluno a pensar e a falar livremente sobre o tema em questão, o que foi conseguido por meio dos depoimentos finais dados por eles ao final do projeto.

Por tratar-se de um trabalho de campo, foi escolhida, primeiramente uma turma da Escola Estadual Professora Coema Souto Maior Nogueira, onde uma das autoras do projeto atuava como Supervisora Pedagógica. Esta escola, localizada na Avenida São Sebastião do bairro Tancredo Neves, funcionava em 2003 com cerca de 1.400 alunos distribuídos pelo Ensino Fundamental maior (5ª a 8ª série) e Ensino Médio, sendo basicamente 90% de baixa renda.

O critério para esta escolha não foi de forma aleatória, e sim intencional, pois se buscou escolher uma turma cujo professor já tivesse iniciado alguma atividade de leitura, o que era importante para a observação anterior à pesquisa. Nesse caso, foi escolhida a turma 73 da 7ª série do Ensino Fundamental, do turno vespertino, com alunos na faixa etária de 13 a 17 anos, em que a professora, graduada em Comunicação Social, estava lendo com a turma o conto “O Gigante Egoísta”, de Oscar Wilde. Durante a observação, comprovou-se o que já era esperado: os alunos liam o texto e respondiam a questões referentes a ele.

Assim, verificando que realmente havia a necessidade de criar alguma atividade pedagógica que modificasse a forma como a leitura era trabalhada em sala e que, por sua vez, esta atividade também desenvolvesse certas habilidades nos alunos, nasceu o Projeto Literário “As Inteligências Múltiplas e O Príncipe Feliz, de Oscar Wilde”, dando continuidade aos textos anteriormente selecionados pela própria professora da turma.

Em primeiro lugar, foi feita uma entrevista (com 15 perguntas abertas e fechadas) com a professora, com o objetivo de traçar-lhe o perfil, fundamental para saber sua relação com a leitura e a forma como avaliava seus alunos. Essa entrevista averiguava sua idade, formação, área de atuação, o que mais gostava de ler, frequência de leitura (último ano), leitura por prazer ou por hábito, razão para ler, quais os obstáculos encontrados para mais leitura, qual a maior habilidade, habilidade(s) que mais usava em sala, profundidade do conhecimento sobre a Teoria das Inteligências Múltiplas, tipo de trabalho comum com a leitura e noção das habilidades dos alunos.

É interessante avaliar, em primeiro lugar, o perfil da professora, observando, para isso, não somente sua relação com a leitura como também seu conhecimento dos alunos. Nesse sentido, o resultado permitiu traçar-lhe um perfil deveras interessante. Com base nas observações, a forma como ela costuma trabalhar a leitura em sala não surpreendeu, considerando que o uso da leitura para pura interpretação textual e como pretexto para o ensino da gramática é prática comum desde muito tempo. Contudo, o pouco conhecimento que ela afirmou ter acerca das Inteligências Múltiplas, adquirido durante as reuniões pedagógicas, fez com que a professora passasse a utilizar mais frequentemente as habilidades cinestésicas e espaciais, o que já é um bom começo.

Logo após a observação feita em sala das atividades de leitura praticadas pela professora, foram aplicados questionários aos 32 alunos da turma, sem necessidade de identificação. Este questionário, composto de 10 perguntas fechadas, visava estabelecer, anteriormente ao Projeto, o perfil dos alunos em relação à leitura, suas habilidades e formas de avaliação, deixando de lado quesitos como idade ou situação financeira. As perguntas feitas investigavam a quantidade de livros lidos nos últimos 12 meses, a frequência com que o aluno lia, a principal razão para ler, se costumava ler por prazer ou por hábito, o tipo de leitura que mais atraía, a maior dificuldade enfrentada para ler mais, a maior habilidade, outra habilidade que gostaria de desenvolver, a forma com que gostaria de ser avaliado e como gostaria que a leitura fosse trabalhada em sala de aula.

Após coletar as informações necessárias acerca das atividades de leitura praticadas pelos alunos e verificar as diversas formas como eles gostariam de expressar esse aprendizado, deu-se início à implantação do projeto, principiando com uma conversa com os alunos sobre suas possíveis competências e habilidades até comentar a teoria das Inteligências Múltiplas, o que despertou muita curiosidade. Logo a seguir, iniciou-se a leitura do conto “O Príncipe Feliz”, feita individualmente.

Então, nesse ponto do processo investigativo, concluída a leitura do conto, teve início o Projeto Literário em si, que tinha como proposta a exploração temática do texto por meio de diversas linguagens, o que viabilizaria o uso das Inteligências Múltiplas. Para essa segunda etapa, foram separados oito grupos, cujo critério de escolha dos integrantes foi feito a partir da ordem da chamada constante no Diário da professora. Feito isso, realizou-se o “sorteio” das

oito inteligências (Linguística, Lógico-Matemática, Espacial, Sonora, Cines-tésico-Corporal, Interpessoal e Intrapessoal, Naturalista e Pictórica), sendo sugerido aos alunos que fizessem uso da linguagem que melhor representasse a inteligência sorteada pelo grupo, utilizando, para tanto, palavras, movimentos, desenhos, montagens, pinturas, maquetes, colagens, dramatizações, música etc.

Após diversos encontros de orientação, a “amostra” deu-se duas semanas depois, culminando com uma exposição feita pelos grupos na sala de leitura da escola, para onde outras turmas foram convidadas. O grupo sorteado com a Inteligência Linguística ou Verbal fez uma análise do conto por meio de um resumo oral e escrito contextualizado da história, além de pesquisa vocabular; o grupo da Inteligência Lógicomatemática realizou uma exposição de curiosidades através da identificação de medidas, proporções e repetição de algumas palavras dentro do texto; o terceiro grupo, Inteligência Espacial, confeccionou uma maquete da cidade e da estátua, construindo também o mapa do local.

Na sequência, o grupo da Inteligência Sonora ou Musical parodiou algumas situações da história e criou fundos musicais para determinados trechos do conto; já o grupo da Inteligência Cines-tésico-Corporal montou uma peça musical com situações mímicas e dança; por sua vez, o grupo da Inteligência Naturalista fez uma exposição fotográfica com os animais e as plantas citados no livro, finalizando com uma pequena palestra sobre os cuidados com a natureza; a Inteligência Pictórica expôs um painel com desenhos, charges e história em quadrinhos; e, para finalizar, o último grupo, Inteligências Pessoais (Interpessoal e Intrapessoal) promoveu um debate com o tema “Desigualdade social: Ricos X Pobres”.

Logo após todas as apresentações, a avaliação pedagógica também foi diferenciada: cada grupo (ou participante) fez seu relato da atividade que havia apresentado e comentou acerca das formas encontradas para que ele expressasse sua “leitura” particular do conto. Os depoimentos assinalaram o cumprimento da meta proposta pelo Projeto Literário “As Inteligências Múltiplas e O Príncipe Feliz”, que tinha como principal ponto de partida desafiar os alunos a lidarem com seus pontos fracos e a se divertiram trabalhando com seus pontos fortes, durante o preparo de suas apresentações, injetando-lhes o gosto pela simples leitura, despida de qualquer intenção utilitária.

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Utilizadas efetivamente para efeito de coleta de dados, as informações contidas na entrevista, nos questionários e nos depoimentos finais serviram de marco para o antes e depois da implantação do Projeto Literário, já que a entrevista e os questionários foram aplicados antes dele, isto é, durante a observação, e os depoimentos foram gravados após as apresentações das inteligências.

Analisando as respostas dadas pela professora durante a entrevista, é possível estabelecer uma relação entre sua prática de sala de aula e as reais necessidades dos alunos. Indagada sobre ler por prazer ou hábito, diz depender da leitura, já que uma de suas principais razões para ler seja a procura por informação, assim, o tipo de leitura que mais lhe atrai é a informativa (jornais, revistas e livros de Formação Continuada). Em sala da aula, reconheceu que seu trabalho comum com a leitura é para interpretação e pretexto para a gramática. Por outro lado, ela considera ser a inteligência interpessoal sua maior habilidade, consistindo na Linguística a habilidade que mais usa em sala. Entretanto, seu conhecimento da Teoria das Inteligências Múltiplas é superficial (ouviu falar em reuniões pedagógicas), afirmando necessitar de mais tempo para conhecer melhor as habilidades dos alunos e trabalhar isso, corroborando com o ponto de vista de Antunes (2002, p. 36):

A ideia de um ensino despertado pelo interesse do aluno acabou transformando o sentido do que se entende por material pedagógico e cada estudante, independentemente de sua idade, passou a ser um desafio à competência do professor. Seu *interesse* passou a ser a força que comanda o processo de aprendizagem, suas *experiências e descobertas*, o motor de seu progresso e o professor um *gerador de situações estimuladoras e eficazes*. (grifos do autor)

Uma análise geral das respostas nos forneceu uma boa visão do perfil dos entrevistados. Percebemos que suas opiniões em relação ao motivo que os incitava a ler eram várias, ocorrendo maior incidência nos que buscavam por uma leitura que divertisse (uma boa oportunidade para trabalhar estes leitores!) e os que procuravam ainda conseguir falar e escrever bem. Por outro lado, pode-se afirmar que a leitura por prazer ou por hábito existirá quase sempre em função de seu tipo, definindo “leitura por prazer” aquela na qual o leitor “viaja” pelo imaginário

e diverte-se, ao passo que “leitura por hábito” seria aquela em que o leitor procura por informação ou por estar acostumado a ter momentos de leitura.

E ao se mencionar leitura por prazer ou por hábito, percebe-se que o público leitor da escola é variado, com especial destaque para a maioria que prefere a leitura literária (romance, policial, conto, crônica, suspense, comédia, poesia e outras). Aqui, é preciso relatar que a alternativa História em Quadrinhos não fazia parte do questionário original, sendo acrescentada pelos próprios entrevistados. Então, cabe ao professor atentar para estas preferências e, conhecendo as de cada um em particular, trabalhar a escolha do aluno sem deixar de estimular outras, conforme sugere Smole (1996).

De igual modo, entre as justificativas dadas pelos entrevistados para o tão baixo índice de leitura, eles apresentaram a falta de acesso ao livro como o maior obstáculo, no que muito depende do trabalho desenvolvido pela Biblioteca na escola. Em segundo lugar, a falta de tempo era outro entrave, considerando que a maioria dos alunos entrevistados faziam parte de algum projeto municipal e estadual, além de algumas das alunas já terem filho. Outros apresentaram a falta de dinheiro para comprar livros ou ainda a própria falta de vontade, destacando-se neste ponto principalmente os meninos, necessitando de uma atenção maior por parte da professora, pois para Campbell, Campbell e Dickinson (2000, p. 40),

Mesmo com turmas grandes, é importante que os professores identifiquem os níveis de desenvolvimento e os interesses dos estudantes individualmente. Leitores relutantes podem manifestar interesse se tiverem oportunidade de ler livros relacionados a interesses específicos, [...]. Toda tentativa deve ser feita a fim de se ter recursos à mão para explorar seus interesses com materiais de leitura que sejam adequados para seus diversos níveis de desenvolvimento.

Procurando identificar as habilidades inatas de cada um e perceber que tipo de inteligência encontrava-se em maior proporção na turma em questão, explicamos detalhadamente as qualidades de cada uma das oito habilidades apresentadas. O resultado surpreende pela variedade identificada, destacando os que acreditam possuir habilidades visuais, especialmente no tocante a pinturas e desenhos. É interessante observar que ao mesmo tempo em que havia uma grande incidência de inteligentes interpessoais, ou seja, aqueles que acreditavam se relacionar e entender muito bem o próximo, existia também uma

porcentagem muito baixa dos que não apresentam dificuldades em entender a si mesmo, o que é necessário ser trabalhado.

Quanto aos depoimentos, há, em todos os excertos, as mesmas crenças sobre o novo método de trabalhar a leitura desenvolvendo potencialidades, o que fica evidente na fala daqueles que mesmo não acreditando ser possuidor de determinada habilidade, afirmam que gostaria de desenvolvê-la.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É preciso, antes de tudo, nos questionarmos o que estamos fazendo para resgatar o gosto pelo imaginário no nosso aluno, conseguido através da leitura, e o que temos feito para que ele se expresse mais e se solte mais, expressando seu conhecimento como melhor lhe convir. Sendo assim, faz-se necessário que haja mudanças em nossas percepções sobre os potenciais de nossos alunos, observando as diversas maneiras pelas quais eles resolvem os problemas e aplicam o que aprendem.

É preciso também que a escola ofereça aos seus alunos opções de Inteligências Múltiplas, estimulando os vínculos fundamentais entre eles e seus talentos e interesses, criando novas abordagens para a avaliação. E isso pode ocorrer por meio da organização de grupos de estudos em toda a escola para a criação de um “currículo centrado no aluno” (ideia de Gardner), e o primeiro passo é a identificação, pelos educadores, de elementos das Inteligências Múltiplas em seus atuais programas curriculares e extracurriculares.

Além disso, um outro ponto é a escola proporcionar aos alunos um ambiente rico, valendo-se de uma tipologia variada de textos literários ou informativos, cultivando um novo público leitor capaz de compreender a sociedade em que vive e de transformá-la. De igual modo, o professor deve procurar criar em sua sala de aula um circuito de leitura: ler, contar histórias, estimular a troca de livros, reservar um tempo para ler em classe, abrir espaço para a escolha, pelo aluno, do que ele quer ler, propor textos correlacionados aos interesses do grupo e, enfim, criar ofertas múltiplas e instigantes, proporcionando, desse modo, uma imersão no mundo da leitura ao oferecer condições para que ela se torne, efetivamente, uma prática interdisciplinar e intertextual.

Portanto, se a escola é responsável, de forma central, pela competência em leitura, pelo treino dos alunos nas leituras literárias, as Inteligências Múltiplas podem ser um bom começo para se entender e mesmo modificar as formas como se tem desenvolvido, tradicionalmente, atividades de leitura em sala de aula. Nesse sentido, esta teoria ligada ao trabalho da estimulação do hábito de ler tem implicações sociais e educacionais riquíssimas, levando em conta que estão relacionadas com a formação de um novo cidadão, mais feliz, mais competente, com a capacidade de trabalhar em grupo, mais equilibrado emocionalmente.

Essa nova estratégia modifica muitas coisas, até então tão arraigadas em nossas escolas. Mas, principalmente, muda o trabalho do aluno, que deixa de ser apenas um ouvinte e repetidor do que lhe informam e passa a ter participação ativa, interessada e criativa na construção de seus conhecimentos, e este é o perfil do cidadão do novo século: alguém com espírito empreendedor, com capacidade de tomar decisões e de resolver problemas, que seja criativo, com capacidade para ser um cidadão do mundo, isto é, poder “viajar” em diferentes contextos, mesmo fora de sua área de atuação específica, sem perder o rumo.

Se isto é utopia? Pode até ser, mesmo que esta pesquisa tenha começado a comprovar o contrário, mas a utopia, às vezes, é necessária para que o homem consiga sair do estado de resignação em que se encontra.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Celso. **Como desenvolver conteúdos explorando as inteligências múltiplas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001. Coleção na Sala de Aula. Fascículo 3.

_____. **Jogos para a estimulação das Múltiplas Inteligências**. 11 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito de leitura**. São Paulo: Cultrix, 1986.

BETTELHEIM, Bruno e ZELAN, Karen. **Psicanálise da Alfabetização: um estudo Psicanalítico do ato de ler e aprender**. Porto Alegre: Arte Médicas, 1984.

CAMPBELL, Linda; CAMPBELL, Bruce; DICKINSON, Dee. **Ensino e Aprendizagem por meio das Inteligências Múltiplas**. 2 ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

GARDNER, Howard. **Estruturas da Mente: A Teoria das Inteligências Múltiplas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985a.

_____. **Inteligências Múltiplas – A Teoria na Prática**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985b.

SMOLE, Kátia Cristina Stocco. **A Teoria das Inteligências Múltiplas na Prática Escolar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

ZILBERMAN, Regina. **Leitura em crise na escola**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.